

A SENTIMENTHÈQUE DE RENÉ MARAN EM *LA VIE INTÉRIEURE-POÈMES*

Annick Marie BELROSE*

RESUMO: O escritor René Maran (1887-1960), conhecido por ter sido o primeiro escritor negro, na França metropolitana, a receber o prestigioso prêmio *Goncourt* em 1921 pelo seu romance *Batouala* (1921), é também autor de uma obra poética valiosa, mas pouco conhecida ou esquecida. Essa obra, contemporânea de sua prosa, se mostra complementar e permite alargar a percepção que pode se ter do autor. Esse estudo busca por meio da análise da *sentimenthèque* do autor presente na coletânea de poemas *La vie intérieure*, reestabelecer a figura do grande poeta, do grande letrado que foi também René Maran.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Maran. *Sentimenthèque*.

A coletânea de poemas *La vie intérieure – poèmes* objeto deste estudo é do poeta romancista, ensaísta e jornalista René Maran (1887-1960) e faz parte das trinta obras publicadas pelo autor. Ela foi escrita entre 1909 e 1912, no início de sua estadia na África e publicada em 1912 pela editora Le Belfroi em Paris. Relembrando que de 1909 a 1924, René Maran, trabalhou como representante da autoridade colonial francesa na região de Bangui, na atual República Centro-Africana - então denominada Oubangui-Chari. Maran interrompeu a carreira colonial no final de 1924. Considerando-se perseguido pela administração colonial pelas posições assumidas no prefácio de seu romance *Batouala*¹, considerou preferível fixar-se em Paris e dedicar-se em tempo inteiro à carreira literária.

* UNIFAP - Universidade Federal do Amapá. Departamento de Letras e Artes. Macapá – AP – Brasil. 68903-419 – annickbelrose@yahoo.fr

¹ Confira Maran (1921).

Mais conhecido pela sua prosa, a obra poética de René Maran traduz de forma ampla uma experiência e uma visão de um mundo dividido. De acordo com Mouralis (2013, p.184, tradução nossa)²,

René Maran manifesta uma preocupação constante em inscrever os seus textos, mesmo aqueles que parecem ater-se à “realidade” mais banal, numa espécie de espaço ideal e intemporal que é o da Literatura, e no qual o escritor mistura sua própria voz com todas as do passado e do presente que continuam a acompanhá-lo e que constituem o seu mundo interior.

Ainda para o mesmo, Maran possui como os outros autores do final do século XIX e início do século XX, um grande interesse principalmente pela antiguidade que permeia tanto sua obra poética quanto seus romances, através de nomes de autores, de lugares, atitudes e divindades.

O autor fala então de uma *bibliothèque antique* (biblioteca antiga) que ficaria ao lado de uma *bibliothèque française* (biblioteca francesa) (MOURALIS, 2013) e salienta que o mundo antigo: “[...] lhe fornece elementos retóricos e estéticos que podem ser encontrados principalmente nas suas obras poéticas.” (MOURALIS, 2013, p.184, tradução nossa)³.

Bem como o fato de essas referências assumirem para ele, um significado bastante particular, na medida em que as considera um meio eficaz de expressar sua própria concepção da escrita e de traduzir uma experiência individual, marcada desde muito cedo, “[...] por um forte sentimento de solidão e abandono, e de tristeza [...]” (MOURALIS, 2013, p.186, tradução nossa)⁴.

Para nossa análise, emprestamos do escritor martinicano Patrick Chamoiseau a palavra *Sentimenthèque*. O autor, no seu ensaio autobiográfico intitulado *Écrire en pays dominé* introduz ao longo da sua obra de maneira contínua uma série de notas baseadas no nome de um autor (CHAMOISEAU, 1997). O propósito desses textos, além de resumir uma impressão de leitura, representa uma espécie de linguagem-retrato dos livros e dos autores que habitam a sua paisagem interior. Chamoiseau (1997) afirma:

² “René Maran manifeste un souci constant d’inscrire ses textes, y compris ceux qui paraissent coller à la “réalité” la plus triviale, dans une sorte d’espace idéal et intemporel qui est celui de la Littérature et dans lequel l’écrivain mêle sa propre voix à toutes celles du passé et du présent qui ne cessent de l’accompagner et qui constituent son monde intérieur.” (MOURALIS, 2013, p.184).

³ “[...] fournit ainsi à Maran des éléments d’ordre rhétorique et esthétique, lisibles en particulier dans ses différents recueils poétiques.” (MOURALIS, 2013, p.184).

⁴ “[...] un profond sentiment d’ennui, d’abandon et de tristesse [...]” (MOURALIS, 2013, p.186).

Como sempre, quando me lanço na abordagem de mim mesmo, os livros-amados, os autores-amados, acenam para mim. Eles estão ali. Eles habitam em mim em desordem. Eles me enchem de confusão. Tantas leituras desde a infância me deixaram algo melhor do que lembranças: sentimentos. Melhor do que uma biblioteca: *uma sentimenthèque*. Arrepio. Sentimento [...] Esses autores tornaram-se as paisagens da caminhada que percorro agora [...] (CHAMOISEAU, 1997, p.23-24, tradução nossa)⁵.

Trata-se para Chamoiseau de construir um autorretrato pelos livros que o influenciaram e não de uma demonstração de saber.

Partindo desses pressupostos, tentaremos a seguir elaborar os contornos da *sentimenthèque* que o poeta René Maran evoca na sua coletânea de poemas *La vie intérieure*. A coletânea é dividida em cinco partes e possui uma variedade formal de seus versos, mas com a predominância de uma versificação tradicional feita na maioria de quartetos octossilábicos. É uma viagem no mundo das emoções e das sensações do autor. A coletânea apresenta uma dedicatória na qual o autor afirma:

Amigos de meu coração, vocês para quem escrevi outrora, eis ainda poemas de uma doçura triste. Sobre eles, quase sempre, flutuam as mesmas palavras límpidas e tristes. Elas quiseram pintar as sensações diferentes e as nuances de alma, de uma alma que soube ficar idêntica a ela mesma através da queda sucessiva das quimeras, essas folhas da idade. Que uma leitura comovente e piedosa, que detém a sua ternura de página em página, vos faça compreender, nas horas de névoa e sombra, toda a sua simples e nobre e melancólica profundidade. (MARAN, 1912, p.7, tradução nossa)⁶.

A primeira parte intitulada *Le Bréviaire d'Amour* é composta de dez poemas de quatro versos octossilábicos. São poemas sobre o amor. Maran dá uma concepção do mundo moral e físico através da noção de amor. Inicia-se com o verso *Penser la même chose et ne pas se le dire* (Pensar a mesma coisa e não o dizer

⁵ “Comme toujours, quand je me lance à l’abordage de moi-même, les livres-aimés, les auteurs-aimés, me font des signes. Ils sont là. Ils m’habitent en désordre. Ils me combent d’un fouillis. Tant de lectures depuis l’enfance m’ont laissé mieux que de souvenirs : des sentiments. Mieux qu’une bibliothèque : une sentimenthèque. Frisson. Sentiment.... Ces auteurs deviennent les paysages de cette route que j’emprunte à présent.” (CHAMOISEAU, 1997, p.23-24).

⁶ “Amis de mon coeur, vous pour qui j’ai écrit naguère, voici encore des poèmes d’une douceur triste. Sur eux, presque toujours, flottent les mêmes mots limpidelement tendres. Ils ont voulu dépeindre les sensations différentes et les nuances d’âme d’une ame qui a su rester identique à elle-même à travers la chute successive des chimères, ces feuilles de l’âge. Puisse une lecture émue, et pieuse, et attarde davantage sa tendresse de page en page, vous en faire comprendre, aux heures de la brume et de l’ombre, toute la simple et noble et mélancolique profondeur!” (MARAN, 1912, p.7).

a si mesmo) extraído do poema *douceur du Soir* da coletânea *le règne du silence* (1891) do poeta simbolista, romancista e dramaturgo belga Georges Rodenbach (1855-1898)⁷.

Com esse título, Maran, acena para a obra do século XIII, intitulada *Breviari d'amor* de Matfre Ermengaud⁸, trovador e jurista da região de *Béziers* (região sul da França). É um poema enciclopédico de 34.500 versos, escrito em occitano medieval e em dísticos rimados octossilábicos, no qual o poeta defende o amor como um motor universal que anima a Criação e as relações entre os seres vivos.

O segundo grupo de poemas, em número de três, é chamado de *Stances* (Estâncias). Cada estância possui um título. Acreditamos que Maran faz alusão à elegia *Stances sur la mort de mon père* do poeta castelhano Jorge Manrique⁹ do século XV. Nessa obra, o autor retrata as vaidades do mundo, descreve a transitoriedade das aparências e do poder, a inutilidade das posses e do conhecimento.

A primeira estância possui como título *À la mémoire de mon ami grive* (Em memória de meu amigo grive). É um poema sobre a morte, com uma citação dos versos: “*Omnia tecum una perierunt gaudia nostra, Quae tuus in vita dulcis alebat amor*” (CATULO apud MARAN, 1912, p.37)¹⁰ do poema 68 do poeta romano Caio Valério Catulo¹¹. O poema 68 foi escrito em versos dísticos e nele Catulo lamenta a sua infelicidade pela perda de dois seres amados, Lésbia e o irmão, e por isso, não poder responder a um pedido do amigo Manlius.

Maran nesse poema lamenta também a morte de seu amigo nesses termos:

Meu pobre amigo distante, você é apenas um sonho,
Entre falecidos queridos, não é mais do que um homem morto,
É só um nome sobre o qual a sombra se estirou
Embora eu tenha gostado de você tardiamente, o destino
Não lhe permitiu que esperasse pelo meu retorno [...]
(MARAN, 1912, p.39, tradução nossa)¹².

⁷ Ver Rodenbach (1891).

⁸ Ver Ermengaud (1400).

⁹ Ver Manrique (1980).

¹⁰ “Contigo foi-se embora, vã, nossa alegria que em vida teu gentil amor nutria”. (CATULO apud REBELLO, 2003).

¹¹ Confira Catullo (2021).

¹² “*Mon pauvre ami, vous n'êtes plus qu'un songe, / Parmi des êtres bien chers, vous n'êtes plus qu'un mort, / Vous n'êtes plus qu'un nom sur qui l'ombre s'allonge. / Bien que vous m'ayez plu tardivement, le sort / Ne vous a point permis d'attendre mon retour [...]*” (MARAN, 1912, p.39).

A segunda estância, intitulada *À la mémoire de mon père* (Em memória de meu pai) contém doze poemas introduzidos por uma citação de versos do poema *Vers Héroïques (Versos Heroicos) (1648)* do poeta, dramaturgo e romancista francês do século XVII Tristan L’Hermite¹³.

Todas as coisas são passageiras,
E o tempo com asas leves
Apressa-os para o seu fim.
(L’HERMITE, 1648, apud MARAN, 1912, p.45, tradução
nossa)¹⁴.

O poema é uma homenagem ao pai do poeta e inicia com o soneto. Nele, René Maran faz referência a *Phrynée* (Frinéia) e, mais especificamente, ao quadro *Friné em frente ao Areópago* de 1861, do pintor Jean-Léon Gérôme¹⁵, no qual o artista retrata Frinéia, uma cortesã da Grécia antiga julgada por impiedade. Ela é absolvida após o seu advogado Hipérides ter retirado seu vestido e exposto seus seios nus à frente da assembleia dos juízes. No segundo quarteto, têm-se os seguintes versos:

Quis em seguida, frente às margens cintiladas
Pela onda do futuro espalhada ao seu redor
Assim como Frinéia se ofereceu nua na corte,
Oferecer-me ao julgamento soberano da glória [...]
(MARAN, 1912, p.47, tradução nossa)¹⁶.

A terceira estância é intitulada *Pour Léon BOCQUET* (Para Léon Bocquet). São dezoito poemas, cuja maioria é de quartetos alexandrinos. Léon Bocquet (1876-1954), poeta romancista, ensaísta, tradutor e historiador de guerra francês, é amigo e confidente de René Maran. Ele é também o fundador e editor da Revista *LE BEFFROI* que publicou as coletâneas *La Maison du bonheur* (1909) e *La vie intérieure* do poeta¹⁷.

¹³ Confira L’Hermite (1648).

¹⁴ “*Toutes les choses sont passagères, / Et le temps aux ailes légères / Les précipitent vers leur fin.*” (L’HERMITE, 1648, apud MARAN, 1912, p.45).

¹⁵ Confira Gérôme (1861).

¹⁶ “*Puis j’ai voulu devant les rivages que moire / La houle du futur répandue alentour, / De même que Phynée s’offrait nue à la cour, / M’offrir au jugement souverain de la gloire.*” (MARAN, 1912, p.47).

¹⁷ Confira Maran (1909, 1912).

Introduzindo esse grupo de poemas, o autor cita versos extraídos do poema *Le triomphe de Pétrarque*, (O triunfo de Petrarca) da coletânea *La comédie de la mort* (A Comédia da Morte), do poeta, romancista e crítico de arte francês Théophile Gautier¹⁸. O poema foi inspirado pelo quadro do mesmo nome, do pintor Louis Boulanger.

Como um vaso de alabastro onde se esconde uma tocha,
Coloque a ideia na parte inferior da forma esculpida,
E com uma lâmpada acesa, ilumine o túmulo.
(GAUTIER, 1838, apud MARAN, 1912, p.67, tradução nossa)¹⁹.

O terceiro poema *Sous la Férule* (Sob a Ponteira) é composto de quatro estrofes de quatro versos cada. Na terceira estrofe o poeta usa o termo antigo *Condottieri* plural de *Condottiero*, termo italiano que definia um chefe de mercenários na idade média, e na quarta estrofe, faz referência ao mais famoso deles Bartolomeo Colleoni do século XV e a sua estátua em bronze em Veneza.

Que seu olhar orgulhoso e infeliz
Apesar de sua amargura ativa
Impõe a Condottieri
O fardo de sua glória ântuma.

E, fugido de todos, mesmo odiado
Esteja, vivo, a estátua rígida
Do robusto Coleoni
Cuja voz de bronze se apagou!
(MARAN, 1912, p.72, tradução nossa)²⁰.

Na primeira estrofe do sétimo poema, *Près des flots étalés* (Perto das ondas espalhadas), Maran cita *Tytire* (Tytirus), personagem das *Bucólicas* do poeta Virgílio²¹. Maran faz referência à *iluminura* da primeira écloga de Virgílio, onde

¹⁸ Confira Gautier (1838).

¹⁹ “Comme un vase d’Albâtre ou l’on cache un flambeau, / mettez l’idée au fond de la forme sculptée, / Et d’une lampe ardente, éclairez le tombeau.” (GAUTIER, 1838, apud MARAN, 1912, p.67).

²⁰ “Que ton regard fier et marri, / Malgré leur active amertume / Impose à condottiéri / Le fardeau de ta gloire anihume. / Et, fui de tous, même honni / Sois, vivant, la rêche statue / Du robuste coleoni / Dont la voix de bronze s’est tue.” (MARAN, 1912, p.72).

²¹ Confira Virgílio (2005).

se vê o pastor Tytirus sentado à esquerda com uma flauta e a outra personagem Moelibeus em pé à direita com uma cabra.

Ora Tytirus embocando a longa flauta dupla
Onde são marcados seus dentes
Módula por vez, a primeira visão turva
De seus desejos ardentes.
(MARAN, 1912, p.77, tradução nossa)²².

A terceira parte intitulada *Mélancolies d'Automne* (Melancolias de Outono) é composta de quatorze poemas e é dedicado a André FOULON-DE-VAUX (1873-1951), poeta e romancista francês. Ele foi presidente da sociedade dos poetas franceses. Essa terceira parte inicia com versos extraídos da tragédia humanista em verso *Les Juifves* (As judias) de Robert Garnier (1583), poeta, romancista e dramaturgo francês do século XVI. Nessa tragédia, Garnier retoma o episódio bíblico da tomada de Jerusalém pelo rei da Babilônia. Os versos do poeta escolhidos por Maran são:

Suas alegrias acabaram.
A comum aflição
Apagou todas elas.
(GARNIER, 1583, apud MARAN, 1912, p.95, tradução nossa)²³.

No primeiro poema *Bien peu m'importe la gloire* (Pouco me importa a glória) composto de duas estrofes de quatro versos, Maran faz referência na segunda estrofe a Heinrich HEINE (1797-1856), escritor alemão do século XIX, de origem judaica, considerado como o primeiro poeta do romantismo alemão. Esse autor sofreu bastante de antissemitismo.

Mas, eu quero como Heine
Cujas lições entendi,
Resumir minha dor
Em pequenas canções.
(MARAN, 1912, p.97, tradução nossa)²⁴.

²² “Or Tytire embouchant la longue flûte double / Où se marquent ses dents / Module tour à tour, le premier regard trouble / de ses désirs ardents.” (MARAN, 1912, p.77).

²³ “Vos liesses sont passées. / La commune affliction / Les a toutes effacées.” (GARNIER, 1583, apud MARAN, 1912, p.95).

²⁴ “Mais, je veux ainsi que Heine / Dont j’ai compris les leçons, / Résumer toute ma peine / En de petites chansons.” (MARAN, 1912, p.97).

Na primeira estrofe do quarto poema intitulado *Cependant que dans ma chambre* (Enquanto no meu quarto), Maran faz alusão à obra *Reliquies. Sans lieu ni nom* (1890) de Jules Tellier²⁵, poeta jornalista francês do século XIX.

Enquanto no meu quarto,
Leio versos de Tellier,
Lá fora, o novembro chuvoso
Entoa seus “Reliquiae ...”
(MARAN, 1912, p.102, tradução nossa)²⁶.

No décimo poema *O jeunesse, ma jeunesse* (Ô juventude, minha juventude), o poeta cita de novo as Bucólicas de Virgílio e notadamente um verso da primeira égloga do pastor *Tyrtirus*: “*Et Jam procul villarum...*” (Já sobe no topo dos telhados das cabanas de colmo....) extraído (VIRGILIO apud MARAN, 1912, p.115).

No décimo primeiro poema *En ce jour de nostalgie* (Nesse dia de nostalgia) Maran refere-se ao Tibullo (*Tibullus Albius Tibullus*), outro poeta romano autor de belas e originais elegias românticas bem como a Marcus Valerius Messela, o seu protetor. Maran menciona também Caio Asínio Polião, homem político, orador, historiador e poeta romano, nesses termos:

Porque longe dos ruídos da guerra
e de seu querido Messela,
Tibullo, o tísico
Fica perto da Delia,

Preferindo debaixo de um plátano
Buscar, no norte,
Se a lira mantuana
Não cante mais Polião.
(MARAN, 1912, p.117, tradução nossa)²⁷.

²⁵ Confira Tellier (1890).

²⁶ “*Cependant que dans ma chambre, / Je lis des vers de Tellier / Dehors, l’humide novembre / Scande ses ‘Reliquiae...*” (MARAN, 1912, p.102).

²⁷ “*Car loin des bruits de la guerre / et de son cher Messela / Tibullus le poitrinaire / Reste auprès de Délia / Préférant sous un platane, / Chercher, au septentrion, / si la lyre mantouane / Ne chante plus Pollion.*” (MARAN, 1912, p.117).

Na primeira estrofe do décimo segundo poema *Rose humaine*, composto de seis quadras, o poeta cita a personagem Mnasidikka da obra *Les Chansons de Bilitis* (As Canções de Bilitis), obra poética em prosa publicada em 1894 por Pierre Louÿs²⁸, poeta e romancista francês do século XIX. Bilitis representa uma jovem grega do século VI antes de Cristo, nativa da Panfília, que teria vivido na ilha de Lesbos, onde teria sido a rival de Safo.

Rosa humana sem pétalas
Flexível com o ritmo delicado,
Você estala seus crótalos,
Pequena Mnasidikka
(MARAN, 1912, p.118, tradução nossa)²⁹.

O quarto grupo de poemas, intitulado *Le Visage Calme* (O Rosto Calmo), contém doze poemas de formas variadas. Ele é dedicado a J.E (Jules Étienne) Denisse (1825-1870), fotógrafo nascido em Bordeaux e cujas pinturas *Vallée de Josaphat; Oliviers en Israel; Nazareth; Israel Mont Olives* são repertoriadas no Museu d'Orsay em Paris.

O autor inicia com os seguintes versos do Livro IV das *Meditações ou Pensamentos para mim mesmo* de Marco Aurélio³⁰: “Quanto tempo livre ganha aquele que não olha o que o outro disse, fez, ou pensou, mas somente o que ele mesmo faz, a fim de que suas ações sejam justas, e sadias.” (MARCO AURÉLIO apud MARAN, 1912, p.123, tradução nossa)³¹.

Os temas abordados são o sofrimento e a dor. Há certa exaltação da dor que podemos encontrar no quarto poema.

Você que eu amo, Dor de boca crispada,
Seja qual for o meu destino, não desista de mim.
Que a tua austeridade, pela idade atenuada,
Garanta minha coragem e cada passo meu.

²⁸ Confira Louÿs (1900).

²⁹ “*Rose humaine, sans pétales / Souple au rythme délicat / Tu fais claquer tes crotales, / Petite Mnasidikka.*” (MARAN, 1912, p.118).

³⁰ Confira Aurélio (2011).

³¹ “*Quels loisirs il gagne celui qui ne regarde / point ce que le prochain a dit, a fait, / a pensé, mais ce qu'il fait lui-même, / afin de rendre ses actions justes et saines.*” (MARCO AURÉLIO apud MARAN, 1912, p.123).

Seja, indulgente, ô dor, e rígida.
Que a pena ou o soluço profundo
Percebam-te dominando-os como uma égide
Na clareza de um céu uniforme e alto.
(MARAN, 1912, p.130, tradução nossa)³².

O quinto e último poema que fecha o conjunto da coletânea é intitulado *L'évangile des Oliviers* (O Evangelho das Oliveiras) é um longo poema no qual o poeta imagina a prece que o Cristo destina ao Pai antes de ser preso.

Maran honra o seu amigo íntimo Manoel Gahisto (1878-1948). Foi ele que corrigiu a obra *Batoula*. P. Manoel Gahisto é o pseudônimo de Paul Tristan Coolen, escritor, biógrafo e tradutor francês. O mesmo traduziu para a língua francesa vários romances brasileiros tais como os romances *O mulato*, de Aluísio de Azevedo em 1961³³; *Sinhazinha*, de Afrânio Peixoto³⁴ em 1949 entre outros.

O poema inicia com uma citação do versículo 26 capítulo XVII do evangelho de São João³⁵ que diz “Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e ainda o farei conhecer, a fim de que tenham neles esse mesmo amor com o qual me amastes, e que eu esteja eu mesmo neles.” (Jo, 13: 26, apud MARAN, 1912, p.147, tradução nossa)³⁶.

Esse levantamento da *Sentimenthèque* revela alguns componentes da paisagem literária de René Maran composta de poetas da antiguidade, tais como: Virgílio, Marco Aurélio, Catulo, Tibullo, Polião e diversos poetas e artistas franceses e belgas mostrando assim a cultura e sensibilidade literária que caracterizam o escritor René Maran bem como outros escritores da sua época que tiveram como ele uma educação clássica.

Mouralis (2013) divide o componente da antiguidade em dois polos: Um polo elegíaco e um polo estoíco. O primeiro, conforme o mesmo,

[...] não pode ser reduzido ao único desejo de escrever uma “poesia erudita”. Ela fornece ao poeta meios que lhe parecem suscetíveis de expressar um sen-

³² “*Toi que j’aime, Douleur à la bouche crispée / Quel que soit mon destin, ne m’abandonne pas. / Que ta sévérité, par l’âge détrempée, / Assure mon courage et chacun de mes pas. / Sois ensemble, indulgente, ô douleur et rigide. / Que la peine ou l’intime sanglot / T’aperçoivent les dominant comme une égide / Dans la ludicité d’un ciel égal et haut.*” (MARAN, 1912, p.130).

³³ Confira Azevedo (2013).

³⁴ Confira Peixoto (1976).

³⁵ Confira Bíblia (2009).

³⁶ “*Et je leur ai fait connaître ton nom, et / je le leur ferai connaître, afin qu’ils aient en eux / ce même amour dont vous m’avez armé, / et que je sois moi-même en eux.*” (Jo, 13: 26, apud MARAN, 1912, p.147).

timento de tristeza profunda, de exílio que estão no coração da personalidade literária de René Maran. (MOURALIS, 2013, p.187, tradução nossa)³⁷.

Ainda de acordo com Mouralis (2013, p.188, tradução nossa), “[...] convém notar que esta forte presença de um polo elegíaco em René Maran, seja na poesia ou em romances [...] deve ser lida como a expressão de certo número de recusas estéticas e psicológicas.”³⁸

O polo estoico lhe permitiu enfrentar uma dor ressentida desde a infância e que tem sua origem na experiência de humanidade que teve Maran, conforme Mouralis (2013), escapando assim a uma sensação de dissolução do ser a partir da consciência desse estado.

As referências aos autores e artistas franceses e belgas evidenciam também a preocupação de Maran com a expressão dos sentimentos e emoções com a poesia lírica de Lhermite, o romantismo de Gautier, a poesia simbolista de Rodenback, bem como o seu gosto fino pela poesia com Tellier, o seu amor pela língua francesa e o seu interesse em desvendar os seus recursos com Garnier, amigo dos poetas da plêiade que foram grandes defensores da língua francesa.

Para concluir esta análise, podemos afirmar que os contornos da *Sentimenthèque* elencados permitem elaborar um retrato parcial de quem foi René Maran. Um homem letrado, que recebeu uma educação clássica na sua juventude em Bordeaux, um grande leitor durante toda sua vida, e conhecedor da poesia. Uma das facetas de uma personalidade enigmática e complexa, considerado como precursor para as gerações seguintes por ter sido um primeiro a expressar-se sobre a relação do negro com a sociedade europeia e inversamente. A sua poesia em *La vie intérieure* retrata bem essa vivência. As referências às suas leituras perpassam tanto a sua obra poética como romanesca e não são nostálgicas, mas lhe fornecem suporte para reflexões filosóficas. Embora, a sua poesia não tivesse a força vulcânica de um *Diário de Retorno ao País Natal*, de seu compatriota Aimé Césaire (2012), de acordo com Little (2005), a leitura dos versos da poesia de René Maran se deixa admirar pelo seu extraordinário domínio técnico.

³⁷ “[...] ne peut se réduire à la seule volonté d'écrire une poésie 'savante'. Elle fournit à l'écrivain un certain nombre de moyens qui lui paraissent susceptibles d'exprimer cette tristesse profonde, sentiment constant d'être un exilé, qui sont au coeur de la personnalité littéraire de René Maran.” (MOURALIS, 2013, p.187).

³⁸ “[...] on notera que cette forte présence d'un pôle élégiaque chez René Maran, que ce soit dans la poésie ou dans des romans [...] doit se lire comme l'expression d'un certain nombre de refus esthétiques et psychologiques.” (MOURALIS, 2013, p.188).

RENÉ MARAN'S SENTIMENTHÈQUE IN LA VIE INTÉRIEURE-POÈMES.

ABSTRACT: *The writer René Maran (1887-1960), known for being the first black writer in metropolitan France to receive the prestigious Goncourt prize in 1921 for his novel Batouala (1921), is also the author of a valuable poetic work, but little known or forgotten. This work, contemporary with his prose, proves to be complementary and allows the broadening of the perception we can have of the author. This study seeks, by analysing the author's sentimenthèque present in the collection of poems La vie intérieure, to re-establish the figure of the great literate and also poet who was René Maran.*

KEYWORDS: *Poetry. Maran. Sentimenthèque.*

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. **O Mulato**. São Paulo: Montecristo editora, 2013.

AURÉLIO, M. **Meditações**. Tradução de Thainara Castro. Brasília: Editora Kiron, 2011. Disponível em: <em:https://www.academia.edu/40700910/Medita%C3%A7%C3%B5es_de_Marco_Aur%C3%A9lio>. Acesso em: 15 abr. 2021.

BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com Letra Maior**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Baureri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.1089.

CATULLO. C. V. Poema LXVIII. ad Mallium. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/catullus.shtml#68>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

CÉSAIRE, A. **Diário de um retorno ao país natal**. Tradução de Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Edusp, 2012.

CHAMOISEAU, P. **Écrire en pays dominé**. Paris: Gallimard, 1997.

ERMINGAUD, M. **Breviari d'Amor**. 1400. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8438673b/f2.item>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

GARNIER, R. **Les Juifves**, tragédie de Robert Garnier. Paris : 1583. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k708745.image#>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

GAUTIER, T. **La Comédie de la mort**. Paris: Desessart, 1838. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k70716q.texteImage>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

GÉRÔME, J. L. **Friné em frente ao Arcópag**. Paris: 1861. Disponível em: <<https://greclantiga.org/img.asp?num=1063>>. Acesso em : 10 abr. 2021.

L'HERMITE, T. **Les vers héroïques du Sieur Tristan l'Hermitte**. Paris : J.-B. Loyson. N. Portier, 1648. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57779w/f8.item>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

LITTLE, R. René Maran, poète français, francophone, francographe. **Francofonia**, Paris, v. 14, p.63-76, 2005. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29501405> >. Acesso em: 31 abr. 2021.

LOUÏS, P. **Les chansons de Bilitis**. Paris : Fasquelle, 1900. Disponível em: < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9603434c/f17.item.texteImage#> >. Acesso em : 15 abr. 2021.

MANRIQUE, J. **Stances sur la mort de mon père**. Trad. Guy Debord. Paris : ed. CHAMP LIBRE,1980.48p. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/319355201/Jorge-Manrique-Guy-Debord-Stances-sur-la-mort-de-son-pere-Le-temps-qu-il-fait-1995> >. Acesso em: 14 abr. 2021.

MARAN, R. **Batouala** -Véritable roman nègre. Paris : Albin Michel, 1921.

MARAN, R. **La vie Intérieure** - Poèmes. Paris : Le Beffroi, 1912.

MARAN, R. **La Maison du bonheur**. Paris : Le Beffroi,1909.

MOURALIS, B. René Maran et le monde antique : du lyrisme élégiaque au stoïcisme. **Présence Africaine**, Paris, n 187-188, p183-196. jan./fev.2013. Disponível em: < <https://www.cairn.info/revue-presence-africaine-2013-1-page-183.htm> >. Acesso em: 14 abr. 2021.

PEIXOTO, A. **Sinhazinha**. São Paulo: Clube do livro, 1976.

REBELLO, I da S. Lésbia: a inspiração romântica de catulo. In : Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos. 7. 2003. **Anais...** Rio de janeiro : UERJ, 2003. Disponível em : < <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-16.html> >. Acesso em : jul. 2021.

RODENBACH, G. **Le règne du silence**. Paris : Bibliothèque Charpentier, 1891 ; Disponível em : < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5742868r/f204.item.texteImage> >. Acesso em: maio 2021.

TELLIER, J. **Reliques**. Sans lieu, ni nom. Évreux : Imprimerie Charles Hérissey, 1890. Disponível em: < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6258530d/f8.item> >. Acesso em: 11 abr. 2021.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. edição bilíngüe. Trad. Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2005. Disponível em: < <https://durasletras.com/2018/08/10/as-bucolicas-de-virgilio-narrativas-da-poesia-da-terra-e-do-amor/> >. Acesso em: 11 abr. 2021.

